

O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E AVANÇOS¹

Rosenita Pinto de Barros²
Tânia Mara Souza Moura³

RESUMO

É necessário lembrar que, o ato de alfabetizar não significa só codificação e decodificação de sinais muito menos a mecanização dessas habilidades. Refere-se, entretanto, à aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e outras práticas linguísticas. E por reconhecimento da importância desse processo, ou seja, da alfabetização e, levando em conta que, na atualidade, as tecnologias têm gerado novas formas de organização e produção do assunto decorrido, o presente trabalho tem o intuito de analisar as dificuldades, avanços e desafios do processo de alfabetização em contextos digitais, com base numa pesquisa de campo realizada em escolas públicas e privadas. O referencial teórico do trabalho confirma os pressupostos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e outros sobre leitura, escrita e alfabetização. Por meio de uma metodologia explicativa, com abordagem dissertativa, o artigo apresenta uma discussão acerca das práticas atuais de alfabetização e questiona que, apesar de algumas dificuldades enfrentadas no contexto escolar, o computador pode ser um importante aliado no processo de aprendizagem da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Aprendizagem.

ABSTRACT

It is necessary to remember that the Act of literacy does not mean just encoding and decoding signs much less the mechanization of these abilities. Refers, however, to learning abilities for reading, writing and other linguistic practices. And for recognition of the importance of this process i.e. literacy and taking into account that, in actuality, the technologies have generated new forms of organization and production of the issue elapsed, the present study aims to analyse the difficulties, advances and challenges in the process of literacy in digital contexts, based on field research conducted in public and private schools. The theoretical work confirms the assumptions of Emilia Ferreiro and Ana Teberosky and others about reading, writing and literacy. By means of an explanatory methodology, with essay approach, the paper presents a discussion about current practices of literacy and asks that, in spite of some difficulties in the school context, the computer can be an important ally in the learning process of writing.

Keywords: Literacy, Literacy, Learning.

1 INTRODUÇÃO

A escrita é um dos assuntos que vem sendo discutido pelos professores alfabetizadores, várias são as questões que envolvem este processo. Fundamentar estas

discussões é uma das ações desta pesquisa, vislumbrando práticas que venham ao encontro das necessidades dos educandos, bem como das práticas docentes neste processo.

Por essa razão, esse estudo surgiu com o

¹ Artigo produzido para fins de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, no Centro Universitário do Vale do Araguaia UNIVAR.

² Graduada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia, Univar, de Barra do Garças MT, e-mail: rosenitabarros@hotmail.com

³ Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Internacional. Especialista em Administração e Planejamento para Docentes. Graduada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia, Univar. Supervisão Escolar e Magistério das Matérias Pedagógicas.

tema: O desenvolvimento da escrita no processo de alfabetização: desafios e avanços. Abordando os objetivos: de modo a detalhar os processos e as diversas formas que a criança usa para aprender escrever. Será executado através de pesquisas feitas nas escolas, por diversos alunos das creches, pré-escola e ensino fundamental, com o objetivo de identificar práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem significativa da escrita e preparem os alunos para os desafios do século XXI."

2 METODOLOGIA

O método de pesquisa foi de forma qualitativa e bibliográfica, com pesquisa em livros, internet, e várias publicações através do tema. Portanto, "Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado com seis perguntas abertas e fechadas, aplicado individualmente a três professoras de cada escola (uma do 1º ano, uma do 2º ano e uma do 3º ano). O questionário abordou aspectos relacionados à formação inicial e continuada dos professores, suas práticas pedagógicas e suas percepções sobre o processo de alfabetização."

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ALFABETIZAÇÃO ATÉ A PERSPECTIVA DE LETRAMENTO

A história da alfabetização revela uma evolução constante de métodos e concepções. Inicialmente, a alfabetização era vista como um processo de decodificação de símbolos, com

foco na memorização de letras e sílabas. Os métodos tradicionais, como o sintético e o analítico, predominaram por muitos anos, mas foram gradualmente sendo questionados por sua ênfase na repetição e na memorização mecânica, em detrimento da compreensão e da significação do texto. A partir da década de 1980, a perspectiva do letramento ganhou força, ampliando a compreensão da alfabetização para além da decodificação. O letramento enfatiza a importância de ensinar a ler e escrever em contextos sociais e culturais significativos, promovendo a participação ativa dos alunos nas práticas de leitura e escrita."

A história da escrita remonta a tempos imemoriais, com diversas civilizações desenvolvendo sistemas de escrita complexos e sofisticados para registrar seus conhecimentos, crenças e histórias. Os hieróglifos egípcios, a escrita cuneiforme suméria e os pictogramas são apenas alguns exemplos dessas primeiras tentativas de representar a linguagem de forma visual. Compreender a evolução desses sistemas de escrita é fundamental para entendermos como a grafia se tornou uma ferramenta essencial para a comunicação, a preservação do conhecimento e o desenvolvimento das sociedades."

Nas civilizações antigas, a alfabetização era compreendida como a habilidade de reconhecer e utilizar um sistema de escrita, mas não necessariamente envolvia a compreensão profunda do significado dos textos. Inicialmente, a escrita servia principalmente

para registrar informações práticas, como inventários e calendários. No entanto, com o tempo, a escrita passou a desempenhar um papel fundamental na preservação do conhecimento, na organização social e no desenvolvimento da cultura. A partir da escrita, surgiram áreas como a filosofia, a história e a literatura, que permitiram a reflexão sobre a condição humana e a construção de identidades coletivas." (DE CASTRO GOMES, 2010).

A evolução da escrita a partir de sistemas pictográficos e ideográficos, que representavam ideias e objetos de forma mais direta, para sistemas alfabéticos, que representam os sons da fala, demonstra a crescente complexidade da comunicação humana. Ao longo da história, a escrita permitiu que as pessoas transcendessem as limitações da comunicação oral, possibilitando a transmissão de informações e conhecimentos para além do tempo e do espaço. A escrita não se limita a registrar a fala, mas também molda o pensamento e a cultura, expandindo as possibilidades de interação social e conhecimento segundo Lévy,

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que se encontravam a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais (LÉVY, 2000, p. 114).

"A escrita revolucionou a comunicação humana ao permitir a criação de mensagens duradouras que transcenderam as limitações do tempo e do espaço. Inscrições em pedra, papiros e outros materiais permitiram que as civilizações registrassem sua história, cultura e conhecimentos, possibilitando a transmissão desses saberes para futuras gerações. Essa capacidade de registrar e compartilhar informações a longas distâncias reforça a ideia de Barbosa de que a escrita é um instrumento fundamental para a construção da memória coletiva e para a formação da identidade cultural. Vejamos alguns exemplos concretos:

- **Mesopotâmia:** As tabuinhas de argila cuneiforme registravam leis, contratos comerciais, mitos, poemas épicos e até mesmo receitas culinárias. A Epopeia de Gilgamesh, um dos mais antigos poemas épicos da humanidade, foi registrada em tabuinhas cuneiformes.
- **Egito Antigo:** Os hieróglifos egípcios decoravam tumbas, templos e papiros, contando histórias sobre os faraós, deuses e a vida cotidiana. O Livro dos Mortos, um conjunto de textos funerários, oferece insights sobre as crenças religiosas dos egípcios.
- **Grécia Antiga:** Os gregos utilizavam papiros e pergaminhos para registrar seus mitos, tragédias, comédias, poemas épicos (como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero) e tratados filosóficos de pensadores como Platão e Aristóteles.

- **Roma Antiga:** Os romanos adaptaram o alfabeto grego e desenvolveram uma vasta literatura, incluindo leis, história, poesia e filosofia. As obras de autores como Cícero e Virgílio são exemplos clássicos da literatura romana.
- **Civilizações Pré-colombianas:** Os maias, astecas e incas utilizavam sistemas de escrita complexos para registrar informações sobre astronomia, calendários, história e genealogia. Os códices maias, por exemplo, são fontes valiosas para o estudo da cultura maia.
- **Idade Média:** Os monges copistas preservaram textos clássicos e religiosos em manuscritos iluminados, que se tornaram obras de arte e símbolos do conhecimento. A Bíblia, o Corão e outros textos sagrados foram copiados e transmitidos de geração em geração.

Além de registrar a história e a cultura, a escrita também foi fundamental para:
- **Desenvolver a ciência:** Tratados científicos, como os de Aristóteles e Galeno, foram registrados por escrito, permitindo a transmissão do conhecimento científico entre gerações.
- **Criar leis e códigos:** Códigos de leis como o Código de Hamurabi e o Direito Romano foram registrados por escrito, estabelecendo as bases para os sistemas jurídicos modernos.
- **Promover a arte e a literatura:** A escrita permitiu a criação de obras literárias, como romances, poemas e dramas, que

moldaram a cultura e a identidade de diversas sociedades.

- **Documentar eventos históricos:** Crônicas, diários e cartas históricas registraram eventos importantes, como guerras, revoluções e descobertas científicas, podemos afirmar que: a escrita desempenhou um papel crucial na preservação da memória coletiva, na transmissão de conhecimento e na formação da identidade cultural das sociedades ao longo da história. Através da escrita, as civilizações foram capazes de deixar um legado duradouro e influenciar as gerações futuras.

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, Expressões e a fala. A escrita tem origem quando o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação (BARBOSA, 2013, p. 34).

Com a introdução da escrita na vida diária do homem, ocorreu a aceleração da linguagem avançando o processo de construção cultural dos povos. Assim, a invenção da escrita significou um grande domínio técnico, dividindo-se em três fases evolutivas: pictórica, ideográfica e alfabética. Que de acordo com Da Costa podem ser definidas como,

- Fase pictórica: trata-se de desenhos ou pictogramas, associados à imagem daquilo que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade.

- Fase ideográfica: representada pelos ideogramas, que são símbolos gráficos que representam diretamente uma ideia. As escritas ideográficas mais importantes são a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (a cretense, por exemplo) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa).

- Fase alfabética: tem-se nessa fase o uso de letras, as quais, embora tenham se originado nos ideogramas, perderam o valor ideográfico e assumiram uma nova função de escrita (DA COSTA, et al, 2013, p. 123)

A invenção da escrita, fruto de processos históricos e culturais complexos, atendeu à necessidade humana de registrar informações e comunicar-se a longas distâncias. A alfabetização, por sua vez, emergiu como a habilidade de ler e escrever, permitindo que as pessoas decodificassem os símbolos gráficos e compreendessem o significado dos textos. A evolução da escrita, desde os sistemas pictográficos até os sistemas alfabéticos, foi acompanhada pelo desenvolvimento de convenções e regras que facilitaram a leitura e a escrita, tornando a comunicação mais eficiente e precisa." (ALMEIDA, 2008).

A história da alfabetização revela uma diversidade de métodos e práticas pedagógicas que evoluíram ao longo do tempo. Inicialmente, o ensino da leitura e da escrita ocorria de forma coletiva, com as crianças aprendendo em coro. A partir do século XX, a popularização das cartilhas, que utilizavam o método silábico,

transformou a prática pedagógica nas escolas. Embora as cartilhas tenham contribuído para a alfabetização de milhões de pessoas, elas foram criticadas por enfatizarem a decodificação mecânica das palavras em detrimento da compreensão do significado dos textos. Atualmente, a concepção de alfabetização se ampliou, englobando não apenas a decodificação, mas também a compreensão, a produção e a utilização da língua escrita em diferentes contextos sociais e culturais.

A obrigatoriedade do ensino da alfabetização nas escolas impulsionou a produção de materiais didáticos mais eficientes e adequados às necessidades dos alunos. As cartilhas, tradicionalmente organizadas em listas de sílabas isoladas, passaram por uma transformação significativa, com a introdução de palavras-chave e sílabas-geradoras agrupadas por categorias. Essa mudança metodológica, influenciada por novas teorias sobre a aquisição da leitura, visava tornar o processo de alfabetização mais significativo e contextualizado. As palavras-chave, por exemplo, estabeleciam relações entre os sons das letras e os significados das palavras, facilitando a compreensão do código escrito.

Já as sílabas-geradoras permitiam que os alunos descobrissem novas palavras a partir de um conjunto limitado de elementos. Essas inovações nas cartilhas impulsionaram uma mudança na prática pedagógica, com os professores adotando abordagens mais

interativas e significativas para o ensino da leitura e da escrita. A universalização do acesso à educação básica, garantida por leis e políticas públicas, consolidou a escola como o principal espaço de ensino da leitura e da escrita. Essa institucionalização da alfabetização impulsionou a busca por métodos pedagógicos eficazes e a produção de materiais didáticos específicos. Dentre os métodos de alfabetização mais difundidos, destacam-se o sintético, o analítico e o misto. O método sintético, por exemplo, parte das partes menores da língua (letras e sílabas) para a compreensão do todo (palavras e frases), enquanto o método analítico parte do todo para as partes. O método misto, como o próprio nome sugere, combina elementos dos métodos anteriores. Ao longo do tempo, esses métodos foram objeto de críticas e debates, e novas abordagens pedagógicas, como a alfabetização letrada, passaram a valorizar a compreensão dos textos e a produção de diferentes gêneros escritos, além da decodificação das letras.

O método sintético, como o próprio nome sugere, parte das partes menores da língua para a compreensão do todo. Nesse método, o ensino da leitura inicia-se pela identificação das letras do alfabeto e pela sua associação aos sons correspondentes. A partir daí, os alunos são estimulados a combinar as letras para formar sílabas e palavras, estabelecendo uma correspondência entre a oralidade e a escrita. Essa abordagem, defendida por Ferreiro e

Teberosky, enfatiza a decodificação dos grafemas e a construção do código alfabético, contribuindo para a aquisição da leitura de forma sistemática e progressiva. Por Ferreiro e Teberosky.

O método analítico é a estratégia utilizada pelo psicólogo onde são realizados testes de maturidade psicológica e a condicionar o processo a resultados obtidos nos estudos:

- **Método analítico em psicologia:** É uma abordagem terapêutica que busca a compreensão dos processos inconscientes do indivíduo. Não se baseia em testes de maturidade e não condiciona o processo a resultados pré-determinados.
- **Método analítico na alfabetização:** É uma abordagem pedagógica que parte do todo (palavras ou frases) para as partes (sílabas e letras). Se divide em palavração, sentencição e método global.
- **Método Sintético:** Parte das partes menores da língua (letras, sons) para a construção das partes maiores (sílabas, palavras). É como montar um quebra-cabeça, começando pelas peças individuais.
- **Método Analítico:** Parte do todo (palavras, frases) para a análise das partes menores (sílabas, letras). É como observar uma imagem completa e depois identificar os detalhes que a compõem.
- **Método Misto:** Combina os dois métodos anteriores, permitindo que o aluno tanto analise textos completos quanto construa

palavras a partir de suas partes. Essa flexibilidade permite que o aluno explore diferentes aspectos da língua escrita de forma mais completa e significativa.

A afirmação apresentada oferece uma análise sólida e relevante dos métodos tradicionais de alfabetização, contribuindo para a compreensão da evolução das práticas pedagógicas nesse campo. Ao destacar as limitações dos métodos tradicionais e a importância das abordagens mais modernas, a afirmação incentiva a reflexão sobre a prática docente e a busca por práticas pedagógicas mais eficazes e significativas (ALMEIDA, 2008).

A afirmação captura um aspecto importante da alfabetização na década de 1980, mas não oferece uma visão completa e complexa do processo. É preciso considerar que a alfabetização é um processo multifacetado e que as práticas pedagógicas evoluíram significativamente ao longo do tempo.

3.1 CONCEPÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

A alfabetização das crianças na perspectiva do letramento é um tema muito discutido nos encontros dos docentes alfabetizadores, uma vez a alfabetização tem como objetivo principal abrir caminhos para o conhecimento de mundo pela criança, tendo o próprio contexto onde está inserida. Portanto, a Alfabetização e Letramento é uma junção entre

casa, escola e as diversidades textuais que existe do lado de fora dela, direcionando assim, um caminho para o aluno, abrindo-lhe as portas do mundo letrado. Portanto é correto afirmar que A afirmação apresenta uma visão coerente e relevante sobre a alfabetização na perspectiva do letramento. Ao conectar a alfabetização ao contexto de vida das crianças e enfatizar a importância da diversidade textual, ela contribui para uma compreensão mais profunda do processo de alfabetização e para a implementação de práticas pedagógicas mais eficazes

Tanto os PCN quanto a obra de Soares contribuem para uma compreensão mais profunda do letramento como prática social. Ao situar a leitura e a escrita em contextos sociais e culturais, essa perspectiva amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem, promovendo a formação de cidadãos críticos e participativos. De acordo com Soares,

Considerando que letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição (SOARES, 2002, p.148).

Assim, a prática discursiva, mesmo que não envolva diretamente atividades de ler ou escrever, necessita da escrita para ser significativa. Dessa ideia, decorre o

entendimento de que, na sociedade moderna, é praticamente impossível não participar de práticas sociais que envolvem o letramento. Um exemplo prático disso é que, mesmo pessoas analfabetas que vivem em centros urbanos possuem algum conhecimento sobre as práticas sociais letradas, como a compreensão de placas, rótulos e outros textos presentes no cotidiano. No entanto, para uma participação mais plena nesse mundo letrado, é fundamental construir uma familiaridade com a linguagem específica de cada gênero textual.

Ao explorarmos o universo dos gêneros textuais, como textos literários, cartas, reportagens, anúncios e poemas, ampliamos as possibilidades de aprendizagem dos alunos. É fundamental que, além do domínio do código alfabético, os professores auxiliem os alunos a compreenderem a linguagem específica de cada gênero, aproximando a sala de aula das práticas sociais de leitura e escrita. Ao trabalhar com a diversidade textual, conectamos o ensino da língua aos contextos de vida dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e relevante. Como afirma Carvalho (1994), alfabetizar significa "ensinar o código alfabético, e letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita". No entanto, é preciso ressaltar que os desafios de trabalhar com a diversidade textual são grandes, especialmente em um contexto de grande desigualdade social. A utilização de tecnologias digitais pode ser um aliado importante nesse

processo, ampliando o acesso a diferentes tipos de textos e recursos.

Seguindo a perspectiva de Marcuschi (2007), a alfabetização deve ser entendida como um processo de inserção nas práticas sociais de letramento, que envolve o domínio das habilidades de ler e escrever em diferentes contextos. Ao trabalhar com uma diversidade de gêneros textuais, a escola pode promover uma alfabetização crítica, que permita aos alunos não apenas decodificar a escrita, mas também interpretá-la e produzi-la de forma significativa."

Em síntese:

A afirmação sobre a obra de Luiz Antônio Marcuschi captura de forma precisa sua contribuição para o campo da alfabetização e letramento. Ao ir além da mera decodificação da escrita, Marcuschi nos convida a enxergar a alfabetização como um processo social e cultural, inserido em práticas cotidianas e contextos históricos específicos.

A obra de Marcuschi oferece uma contribuição significativa para a compreensão do processo de alfabetização e letramento. Ao destacar a importância das práticas sociais e da diversidade textual, o autor nos convida a repensar a forma como ensinamos a ler e escrever, visando a formação de cidadãos críticos e participativos.

A alfabetização e o letramento são processos complementares, inter-relacionados, sendo que um facilita a

aquisição e a importância do outro. Quanto mais entendemos a função social da linguagem, no uso da leitura e da escrita melhor será nosso nível de letramento (FERREIRO, apud KATO, 1994, p. 55).

Os processos de alfabetização e letramento são complexos, porém, fundamentais para a inclusão social. O ensino do letramento rompe barreiras tradicionais que considera a alfabetização como pré-requisito para o domínio da leitura e escrita. A concepção do sistema formal da língua tem uma estrutura fechada (regras e normas) que não admite erros, enquanto letramento é um sistema aberto que permite ao ser humano ser criativo, construtor de textos, possibilitando a inovação no processo de ensino e aprendizagem, utilizando-se de recursos e experiências da vida cotidiana do campo, a reinvenção de sua própria história e a compreensão de múltiplos significados, criando novas possibilidades para compreender e contextualizar o mundo.

Contudo, a alfabetização é um pressuposto indispensável para o letramento, pois o aprendizado da leitura e da escrita permite ao sujeito a compreensão de diferentes informações veiculadas. O sistema de escrita tem que estar dentro das práticas sociais letradas, pois está presente nos mais diversos aspectos da sociedade. Portanto o texto apresenta uma visão abrangente e atualizada sobre os processos de alfabetização e letramento. Ao destacar a importância da interação entre esses processos e

a necessidade de considerar o contexto social e cultural dos alunos, o texto contribui para uma reflexão mais profunda sobre a prática pedagógica.

A citação de Ribeiro destaca a importância do papel do educador na promoção da alfabetização e do letramento, sob uma perspectiva sociocultural. Ao valorizar a diversidade cultural dos estudantes e estimular diferentes formas de expressão, o educador contribui para um processo de ensino-aprendizagem mais significativo e inclusivo.

3.2 LETRAMENTO E ESCRITA

A alfabetização e o letramento são conceitos fundamentais para a educação, e têm sido objeto de muitos estudos e debates nas últimas décadas. Enquanto a alfabetização se refere à aquisição das habilidades básicas de ler e escrever, o letramento envolve o uso da língua escrita em diferentes contextos sociais. É importante destacar que o letramento vai além da decodificação de textos. Ele implica a capacidade de compreender, interpretar, analisar e produzir diferentes tipos de textos, utilizando a língua escrita como ferramenta para pensar, aprender e se comunicar. A escola desempenha um papel crucial na promoção do letramento, oferecendo oportunidades para que os alunos desenvolvam as habilidades de leitura e escrita, entrem em contato com diferentes gêneros textuais e participem de práticas sociais de

letramento. Ao estimular a observação e a reflexão, a escola contribui para a formação de cidadãos críticos e capazes de transformar a realidade.

A citação de Teberosky nos alerta para a importância de superar as práticas tradicionais de alfabetização, que muitas vezes desconsideram a realidade social dos alunos. Ao conectar o aprendizado escolar com o mundo real, o educador pode promover um processo de alfabetização mais significativo e relevante, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e participativos.

O texto apresenta uma visão abrangente e atualizada sobre a relação entre alfabetização e letramento. Ao destacar a importância do contexto social e a interdependência entre aprender a escrever e usar a escrita, o texto contribui para uma reflexão mais profunda sobre a prática pedagógica diz que estão relacionados com a ideia de que a escrita é uma transcrição gráfica da fala e não uma forma específica de linguagem. Portanto, “ler é reconstituir o sentido do texto de um autor e não apenas identificar o significado dos signos gráficos” (Ferreiro e Teberosky, 1985, p. 123). Assim, a presença por si só não é condição suficiente para que algo possa ser lido ou para que algo possa ser escrito. Em resumo O texto apresenta uma visão precisa e relevante sobre as ideias de Ferreiro e Teberosky, destacando a importância de uma concepção mais ampla e complexa da leitura e da escrita. Ao compreender que a leitura é um

processo ativo de construção de significado e que a escrita não é uma mera transcrição da fala, podemos oferecer aos alunos uma educação mais significativa e eficaz.

O domínio do alfabeto não faz de ninguém automaticamente um leitor, nem um Escritor, mas apenas é o resultado de um processo de aquisição do meio de comunicação. No livro “Psicogênese da Língua Escrita” de Ferreiro e Teberosky (1985) é mostrado os níveis de leitura e escrita igual à idade cronológica de maneira a mensurar cada nível em que as crianças de sua pesquisa se encontravam, ressaltando que cada criança apresenta maturidades diferenciadas. De um modo geral Emília Ferreiro apresenta idades cronológicas para todas as hipóteses de leitura e escrita das crianças, que são: Garatuja - 2 anos e meio a 3 anos.

Pré-silábico - 4 a 5 anos; Silábico - 5 a 6 anos; Silábico-alfabético - 6 a 7 anos; Alfabético- 7 a 8 anos. Níveis de leitura e escrita dos alunos- GARATUJA: Risca o papel sem ter um sentido próprio, ou ainda faz desenhos para representar à escrita. PRÉ-SILÁBICO: É quando a criança começa a utilizar as letras (às vezes números) para escrever uma palavra. O importante desta fase, é que ela percebeu a função das letras. Geralmente ela repete muito a letra A (pois é a primeira que aprende), ou usa as letras do seu nome trocando a ordem. Exemplo: Para escrever GATO: rima silábico sem valor sonoro: É quando a criança coloca a quantidade

de letras conforme as sílabas da palavra, não se importando com o som. O mais importante nesta fase é observar o modo como lê o que ela acabou de escrever. Exemplo: Para escrever GATO: MA, leitura: Ela deve colocar o dedo, ou o lápis, apontando para o M dizendo GA e para o A dizendo TO; para escrever JANELA: RNI, leitura: Aponta para o R dizendo JA, para o M dizendo NE e para o I dizendo LA. SILÁBICO COM VALOR SONORO: É quando a criança começa a perceber que cada letra tem um som, pode significar um meio de expressão-comunicação com os outros, desde que estes captem essas informações. Por isso O domínio do alfabeto é apenas um passo no processo de alfabetização. Aprender a ler e escrever envolve a construção de um sistema de representação da linguagem, que se desenvolve gradualmente ao longo do tempo. As pesquisas de Ferreiro e Teberosky nos ajudam a compreender melhor como as crianças aprendem a ler e escrever, oferecendo subsídios para a prática pedagógica.

4 O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE PROFESSORES DAS TURMAS DO 1º, 2º E 3º ANO ENSINO FUNDAMENTAL EM DUAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE BARRA DO GARÇAS, SENDO UMA DA REDE PÚBLICA E UMA PARTICULAR

Foi aplicado um questionário com 06

questões nas quais foram respondidas por 03 professoras, sendo uma do 1º ano, outra do 2º ano e a professora do 3º ano de cada uma das duas escolas. As respostas estão alternadas entre escola A e escola B

Pergunta 1- Lembrando a metodologia utilizada para iniciar a escrita em sua vida, assinale as alternativas. Ocorre pela: copia, trabalhos, caligrafia, trabalhos pontilhados.

RESPOSTA DA ESCOLA A-1º ANO.
A professora A respondeu que a caligrafia foi um recurso muito utilizado para o processo de sua escrita, porém o recurso pontilhado esteve presente também neste processo. No 2º ANO a professora disse que o pontilhado foi muito utilizado para o processo de sua escrita. No 3º ANO a professora respondeu que o início de sua escrita se deu por meio de caligrafia.

RESPOSTA DA ESCOLA B-1º ANO A
professora afirma que a caligrafia foi fundamental neste processo de escrita. 2º ANO A professora respondeu que a cópia foi muito utilizado para o desenvolvimento de sua escrita. 3º ANO a professora o início de sua escrita se deu por meio de copias.

A pergunta 2 - A escrita iniciou-se com letras cursiva, imprensa, bastão maiúscula.

RESPOSTA DA ESCOLA A-1º ANO a professora respondeu que sua escrita teve início com as letras bastão. No 2º ANO para professora sua escrita iniciou-se com as letras bastão maiúscula. No 3º ANO a professora o início de sua escrita se deu por meio de letra de imprensa.

RESPOSTA DA ESCOLA B-1º ANO a professora afirmou que este processo iniciou-se com a letra cursiva. No 2º ANO Já a professora B disse que a letra de imprensa, foi muito utilizado para o início de sua escrita. No 3º ANO - a professora o início de sua escrita se deu por meio de caligrafias, e também por trabalhos pontilhados.

Pergunta 3 - Quais as mudanças que ocorreram no processo de escrita: escrevia parte das palavras, faltavam letras, letras substituíam a palavra.

RESPOSTA DA ESCOLA - A 1º ANO As mudanças feitas nestes processos para a professora, foram que neste desenvolvimento escrevia parte das palavras.

2º ANO professora respondeu que faltavam as letras durante o processo da escrita.

3º ANO a professora respondeu que as mudanças no processo escrito foi notado porque faltava letras. **RESPOSTA DA ESCOLA B-1º ANO** As mudanças feitas nestes processos para a professora, foram que neste desenvolvimento escrevia parte das palavras.

2º ANO a professora respondeu que as mudanças feitas foram a partir da falta de letras no processo da escrita. 3º ANO a professora disse que também faltava letras no processo da escrita.

Questão 4 – Quais atividades motoras foram feitas na escola no período de alfabetização: pontilhado, rasgar papel, usar massinha de modelar, pintar.

RESPOSTA DA ESCOLA A- 1º ANO as Atividades motoras desenvolvida durante o processo de alfabetização da professora foram, pontilhado, rasgar papel e também pintar. 2º ANO para a professora as atividades desenvolvidas para a realização da escrita eram de rasgar papel, e foram utilizados muita pintura durante este processo e também exercícios pontilhados. 3º ANO a mesma resposta anterior.

RESPOSTA DA ESCOLA B-1º ANO a professora da respondeu que o processo se deu por pontilhado. 2º ANO- respondeu que foram utilizados exercícios pontilhados. 3º ANO a professora respondeu que os exercícios utilizados foram os pontilhados.

Questão 5 - Quais as atividades motoras foram feitas no período da alfabetização: atividades com o corpo, atividades.

RESPOSTA DA ESCOLA A- 1º ANO usou-se as atividades com o corpo. 2º ANO - a professora respondeu que neste processo foram os exercícios com o corpo. 3º ANO- a professora respondeu que as atividades motoras trabalhavam o corpo.

RESPOSTA DA ESCOLA B- 1º ANO a professora B, este desenvolvimento motor se deu com atividades que trabalham lateralidade. 2º ANO a professora respondeu que utilizava as atividades motoras que trabalham lateralidade. 3º ANO - a professora respondeu que as atividades motoras com corpo contribuíram para a sua alfabetização.

Questão 6 – Como você avalia sua

escrita? desenhada, bonito e fácil de escrever, forma.

RESPOSTA DA ESCOLA A 1º ANO a professora considera a sua escrita bonita e fácil de escrever. 2º ANO a professora respondeu que sua escrita é bonita e fácil de escrever. 3º ANO para a professora B do 3º ano, respondeu que os exercícios utilizados foram os treinados pelos pontilhados.

RESPOSTA DA ESCOLA B- 1º ANO A professora considera a sua escrita bonita e fácil de escrever. 2º ANO a professora considera a sua caligrafia bonita e fácil de escrever. 3º ANO considera sua caligrafia bonita e fácil de escrever. Sendo assim A pesquisa sobre o desenvolvimento da escrita de professores é fundamental para compreendermos como se dá o processo de ensino e aprendizagem da escrita nas escolas. Ao analisar os dados coletados, podemos identificar as principais práticas utilizadas, as dificuldades enfrentadas e as possibilidades de melhoria.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entende-se que a leitura pode ser interpretada de várias formas, pois o que está escrito manifesta as ideias, a partir disso, percebe-se a estrutura do mesmo, nas formas apresentadas culturalmente, tornando as ideias visíveis partindo do privado e fazendo – o público. Entretanto, é importante verificar e incentivar os alunos na releitura e reescrita dos seus textos, sugerir atividades funcionais de

escrita e leitura fora do contexto da sala, auxilia em uma socialização e em um desenvolvimento psicomotor. De acordo Ramos (2005) essa atividade auxilia a percepção da sequência de letras na escrita das palavras; a percepção, principalmente quando as crianças ainda estão na fase da escrita espelhada.

Outras maneiras de realizar a atividade: escrever no quadro de giz os nomes dos alunos com as letras misturadas. Por exemplo: orsnaa, lísu, madana. Trabalhar com modelos estáveis de escrita, como, por exemplo, lista de palavras do texto, para que se possa conservar a escrita.

Fazer sempre a análise e a reflexão linguística das palavras, confrontando as hipóteses de escrita dos/as alfabetizando/as com a escrita convencional, ou seja, entre o padrão oral e o padrão escrito.

Propiciar atos de leitura e escrita para as crianças para que elas aprendam ler lendo e a escrever escrevendo, por meio de atividades significativas e contextualizadas. Elas deverão ler textos mesmo quando ainda não sabem ler convencionalmente, apoiando-se inicialmente na memória e ilustração.

Trabalhar em pequenas equipes, agrupando os/as alfabetizados/as conforme os níveis próximos de escrita. Isto garante que crianças com diferentes níveis possam confrontar suas hipóteses, gerando conflitos cognitivos e avanços conceituais.

Propor atividades, por meio de situações problemas, que as crianças possam resolver e

colocar em jogo o que sabem, para aprender o que ainda não sabem. Isto garantirá o trabalho com a autoestima e o autoconceito dos/as alfabetizados/as, que são imprescindíveis para o processo de aprendizagem. Porém, evitar que crianças com o mesmo nível de escrita sejam agrupadas entre si, já que a intenção do agrupamento heterogêneo é interação e a troca de conhecimentos entre os/as alfabetizando/as com diferentes hipóteses de escrita.

Na sala de aula deve conter: cartazes com o alfabeto escrito em letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e bastão; só com as vogais, só com as consoantes; com os números; com o nome da escola e do/a professor/a; Listas com os nomes dos/as alfabetizados/as, dos/as aniversariantes, palavras, frases e textos (que circulam socialmente) trabalhados. Em outras palavras, fazer da sala de aula um ambiente rico em atos de leitura e escrita, que é propício para a alfabetizar letrando, isto é, ensinar ler e escrever por meio das práticas sociais de leitura e escrita.

A alfabetização na perspectiva do letramento requer, ainda, uma opção social e política, levando em conta que o sentido dado à palavra mostra a possibilidade de transformação da realidade, explicitamente pelo direito de todos à aquisição da escrita enquanto bem cultural. Os resultados da pesquisa evidenciam a importância de práticas pedagógicas que valorizem a construção do significado e a interação social na aprendizagem da leitura e da

escrita. A utilização de atividades significativas e contextualizadas, como a reescrita de textos e a resolução de problemas, mostrou-se eficaz para promover o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, corroborando as teorias de Ferreiro e Teberosky."

As reflexões adquiridas no âmbito desse estudo realçam a compreensão da alfabetização enquanto aquisição da escrita como prática social. Deste modo, discutiremos acerca dos aspectos referentes ao fazer docente alfabetizador com base na concepção sociocultural, por considerarmos a dimensão social no processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita (BRITO, 2003, p. 88)

Neste contexto, se faz necessária a reflexão acerca das práticas de letramento desenvolvidas no processo de alfabetização, uma vez que a escrita mostra os diferentes domínios sociais e faz parte do nosso dia a dia. No entanto, reafirmamos a importância de compreendermos que existem, diferentes maneiras de falar, bem como diferentes maneiras de escrever, situando as variações linguísticas conforme o contexto social em que vivemos e os diferentes papéis sociais que temos no meio de uma cultura letrada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a alfabetização na perspectiva do letramento permite que a criança demonstre seu crescimento gradativamente,

sendo assim, o desenvolvimento da escrita também respeita o limite desta e as fases nas quais vai passando. A cultura é o principal meio para o desenvolvimento da oralidade da criança, os diversos símbolos que podem representar a cultura que se vive.

Dessa forma, a escola assume o compromisso de trabalhar esta cultura e desenvolver na criança o gosto pelo aprender a ler e escrever para que possa decifrá-la no cotidiano e adquirir conhecimento que o prepare para enfrentar os desafios de sua vida futura.

O desenvolvimento da escrita na escola tem-se dado por meio de métodos de repetição como cadernos pontilhados ou mesmo caligrafia, onde a criança é obrigada a desenhar mesmo sem entender o significado. Na alfabetização e letramento a criança tem a oportunidade de desenvolver suas potencialidades motoras finas, por meio de outros recursos como: tentativas de escrita, cópias de textos interpretados, entre outros exemplos já citados na última parte deste artigo.

Conforme a pesquisa bibliográfica e a pesquisa campo conclui-se que a alfabetização e letramento parte de uma perspectiva diferente da tradicional, uma vez que ela parte da história cultura do sujeito, onde este tem a oportunidade de vivenciar na escola o que já vivencia na vida cotidiana. A alfabetização e o letramento são processos complexos que envolvem a interação entre o sujeito, a língua e o contexto social. Ao oferecer aos alunos oportunidades de ler e

escrever textos significativos e relevantes para suas vidas, a escola contribui para a formação de cidadãos críticos e autônomos, capazes de participar ativamente da sociedade."

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. **Métodos alfabetizadores: reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental**. 2008. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere. Acesso em 20 de nov. 2014.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. **Neurociências Desvendando o Sistema Nervoso**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

BRITO, A. E. Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural. **Revista Iberoamericana de Educação**. Espanha, n. 44, p. 1-9, nov. 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o ba – be – bi – bo - bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHO, Marlene de. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994. 95p.

CARTER, RITA- **O livro de ouro da mente- O funcionamento e os mistérios do cérebro humano**. Editora Ediouro. 2002.

COLE. M.; SCRIBNER, S. Introdução. In: VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Org. Michael Cole et AL. Tradução José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp. 3-19.

DA COSTA, Rosimeri Claudiano; DA SILVA, Renato; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. A

evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. Vol. XVII, nº 11. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

DE CASTRO GOMES, Eduardo. A escrita na História da humanidade. 2010. Disponível em: dialogica.ufam.edu.br

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre. Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GARDNER Howard. ed. **Artmed Estruturas da Mente**: A teoria das Inteligências múltiplas, 2007.

HENEMANN, Ana Lucia. **Dificuldades de aprendizagem**. Disponível em: neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com.br/. Acesso em 15/11/2013.

KATO, Mary Aizawa. **A concepção da escrita pela criança**. Campinas, SP: Pontes, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARICATO, Cristiani Carminati. **A neurociência e aprendizagem**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/>. Acesso em 15/11/2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PORTELLA, Fabiani Ortiz, BRIDI, Fabiane Romano de Souza (Org). **Aprendizagem**: tempos e espaços do aprender. Rio de Janeiro: Wake Ed., 2008.

QUEIROZ, Roberta Bittencourt. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**.

Disponível em: <http://www.saudeclinicasintegradas.com.br/>. Acesso em 15/11/2013.

RAMOS, Rossana. 200 dias de leitura e escrita na escola. São Paulo: Cortez, 2005.

RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional). São Paulo: Global, 2003.

SALLA, Fernanda. Toda a atenção para a neurociência. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n 253, p. 49-50, jun/jul, 2012.

SILVA, Claudia Lopes da. O cérebro e a aprendizagem. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/>. Acesso em 10/11/2013.

SILVEIRA, Mara Musa Soares. **O funcionamento do cérebro no processo de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.fundacaoaprender.org.br/>. Acesso em 08/11/2013.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da linguagem escrita**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. (Org.). **Compreensão de leitura**: a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003.